



Prestes a ultrapassar a Força Sindical, União Geral dos Trabalhadores (UGT) tem líder que apoia reeleição da presidenta Dilma Rousseff

Ex-tesoureiro da Força foi para a União Geral dos Trabalhadores (UGT), levando com ele 60 sindicatos. Além da contribuição sindical fortalecendo a central, ele será candidato à Câmara dos Deputados

Centrais sindicais se dividem para a eleição

Líderes da Força Sindical e da UGT admitem que suas escolhas exercem influência nos sindicatos, mas garantem que líderes regionais terão liberdade para definir apoio

Eduardo Miranda

eduardo.miranda@brasileconomico.com.br

Apesar do discurso inflamado do deputado federal Paulinho da Força (SDD-SP), presidente licenciado da Força Sindical, contra a presidenta Dilma Rousseff, no último 1º de maio, Dia do Trabalhador, as três maiores centrais sindicais do Brasil estão internamente fragmentadas e distantes do consenso quando o assunto é o apoio a um dos três presidentiáveis. Dentro das três maiores centrais sindicais — CUT, Força Sindical e UGT — não há unanimidade no apoio a Dilma, Aécio Neves ou Eduardo Campos.

Nome que já foi apontado como possível vice na chapa de Aécio, o atual presidente da Força Sindical, Miguel Torres, ameniza o gesto de Paulinho, evitando confirmar que não existe unanimidade dentro da central: “Ele é assim mesmo. Quando apoiou a Dilma, em 2010, também atacou

forte o José Serra. Tenho certeza que poucos, na época, fizeram pela Dilma o que ele fez, mas ela lhe virou as contas. Sempre fomos abertos à pluralidade partidária. Temos dirigentes importantes em todos os partidos. Mas é lógico que o Paulinho, que apoia o Aécio, tem uma força de mobilização muito grande, e isso pode criar uma identificação da Força com o candidato”, admite.

Miguel Torres defende que a central, que concentra diferentes sindicatos de todo o país, não deve estar atrelada a um partido ou a um candidato. O discurso da Força Sindical, segundo ele, é o de “aplaudir, se está bem; criticar, se está mal”. Por isso, Torres cita a queda ano a ano da participação da indústria no Produto Interno Bruto (PIB) para declarar seu apoio pessoal ao tucano.

“O movimento sindical não pode defender apenas as políticas de reajuste salarial. Hoje, já existe um entendimento de que temos

que defender, também, a indústria, porque é ela que gera o nosso emprego”, argumenta.

Como confirmação da total falta de unidade no apoio a Dilma, Campos ou Aécio, Miguel Torres cita o impasse no braço sindicalista tradicionalmente identificado com o Partido dos Trabalhadores como sintoma do atual estado das alianças. “Até a CUT está dividida e cheia de problemas internos”, diz o presidente da Força Sindical.

Apesar da ausência de consenso, as centrais têm muita influência sobre a política nos partidos. Recentemente, o ex-tesoureiro da Força Sindical Luiz Carlos Motta se desfilou da central e, rumo à União Geral dos Trabalhadores (UGT), levou com ele 60 sindicatos e uma base de 2 milhões de trabalhadores. Além do capital financeiro, através das contribuições sindicais, a UGT ganhou força com o fato de Motta, dirigente da Fecomercários (SP), ser candidato à Câmara de Deputados pelo PTB.

Discurso inflamado de Paulinho da Força (SDD) contra Dilma era apenas retórica, diz Miguel Torres, da Força Sindical. Central garante que não vai declarar apoio oficial a Aécio Neves

O presidente da UGT, Ricardo Patah, garante que a central sindical — que está prestes a se tornar a segunda maior do país, ultrapassando a Força Sindical e ficando atrás apenas da Central Única dos Trabalhadores (CUT) — não está a serviço dos partidos, mas que é natural que ela esteja no interior das legendas para defender causas dos trabalhadores.

“A maioria do Congresso está composta por deputados e senadores que não têm origem no mundo sindical. Há muitos do agronegócio, do setor dos bancos. Por isso, acreditamos que é legítima nossa ocupação na política e estamos em processo de ocupar espaço nessa esfera federal e nas assembleias legislativas dos estados”, afirma Patah, possível suplente na pré-candidatura do ex-presidente do Banco Central Henrique Meirelles (PSD) ao Senado.

Assim como Miguel Torres, da Força Sindical, Patah é outro líder que admite a influência que sua escolha pode exercer sobre a base de sindicatos e trabalhadores. “Não há dúvidas de que ela existe, já que sou o presidente da UGT, mas temos aqui pessoas que vão apoiar Aécio e Eduardo Campos. E nós vamos chamar todos esses candidatos para nos ouvir e conversar conosco. Como pessoa, eu gostaria que todos votassem na Dilma, mas, como presidente da central, eu não posso fazer isso. Ela (Dilma) já sabe que não há consenso dentro da UGT para apoiá-la”, esclarece.